

# Apologia da apologia da letra h

Apology of apology of letter h

Daniel Temp

danieltemp2@gmail.com

(Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Brasil)

**Resumo:** A diatribe de Hamann contra os pretensos dogmas do Iluminismo representa uma advertência ainda pertinente no que diz respeito às ilusões que podem acometer a reflexão filosófica, sobretudo hoje, numa época em que o linguajar algorítmico próprio de alguns segmentos da ciência mostra-se propenso a abocanhar fatias cada vez maiores do nosso imaginário. Ao menos é isso o que reivindica o presente ensaio ao reconstruir as diatribes de Hamann contra um de seus contemporâneos para, em seguida, imprimí-lhes um novo fôlego ao trazê-las para o contexto de discussões contemporâneas sobre o alcance e o papel da razão na vida humana.

**Palavras-chave:** Hamann; razão; iluminismo; idolatria; linguagem.

**Abstract:** Hamann's diatribe against the alleged dogmas of the Enlightenment represents a still pertinent warning against the illusions that can affect philosophical reflection, especially nowadays, when the algorithmic language typical of some segments of science is prone to bite increasingly larger slices of our imagination. At least is that what claims this essay by reconstructing Hamann's diatribes against one of his contemporaries and then giving them a new lease of life by bringing them into the context of contemporary discussions about the scope and role of reason in human life.

**Keywords:** Hamann; reason; enlightenment; idolatry; language.

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2318-9800.v29i1p.79-90>

*“Vós sois o que eu sou – um sopro”*  
Nova apologia da letra h (por ela mesma)  
J. G. Hamann

## Uma nota historiográfica

Na segunda metade do século XVII, um tal de Christian Tobias Damm, teólogo e filólogo alemão enormemente afeito aos ideais racionalistas da época, publicava um livro cujas páginas traziam a lume uma ideia para lá de notável: o emprego da letra

h em palavras em que a letra não é pronunciada<sup>1</sup>, afirmava ele, não passa de um hábito ortográfico inteiramente arbitrário, contingente e sem propósito, e, por isso mesmo, de todo contrário aos princípios mais elementares da razão universal – daí ser forçoso, assim concluía o eminente teólogo, que a letra h, em nome da sensatez e da razão, seja abolida de uma vez por todas.

Diante da defesa inveterada de uma semelhante ideia, não tardou a aparecer um pequeno e curioso ensaio intitulado *Neue Apologie des Buchstaben h oder: ausserordentliche Betrachtungen über die Orthographie der Deutschen* (Nova apologia da letra h ou: observações extraordinárias sobre a ortografia da língua alemã), supostamente assinado por um mestre-escola da cidade de Königsberg com o acrônimo H. S. (Heinrich Schröder). Trata-se, no entanto, de um pseudônimo satírico. O verdadeiro autor do ensaio respondia pelo nome de Johann Georg Hamann, pensador hoje conhecido sobretudo como um importante precursor do romantismo e pelas interlocuções (e polêmicas) com filósofos contemporâneos seus, como Kant e Herder.

Apesar do que pode parecer à primeira vista, desde logo cumpre dizer que o ensaio de Hamann está longe de ser uma peça acadêmica de natureza ortográfico-filológica. O ensaio, ao invés, é um manifesto dirigido contra o que ele considerava ser a ideologia oficial do século das luzes, cuja proposta de abolição da letra h, aos seus olhos, não era senão um exemplo dos mais emblemáticos. Nesse sentido, o ensaio é antes de mais nada uma apologia do imponderável, uma defesa do aspecto inaudito, contingente e criativo da linguagem, uma apologia veemente redigida contra a indiscriminada idolatria da razão e o fio lógico da sua navalha.

Malgrado as controvérsias historiográficas a respeito do chamado anti-iluminismo de Hamann, o fato é que ele foi um dos primeiros pensadores a apontar um fenômeno que, dentre outros nomes, anos mais tarde foi apelidado de “dialética do esclarecimento” – é dizer, ele foi um dos primeiros a apontar que a confiança inabalável nos poderes da razão funciona à revelia de seus propósitos ilustrativos e acaba por acalantar toda sorte de superstições e mitos, a começar pela suposição (ilusória) de que a razão está em condições de destrinchar, de uma ponta à outra, os quatro cantos do mundo, como se o próprio mundo não fosse senão um objeto a ser explorado pela razão.

Desta forma, a diatribe de Hamann contra os dogmas do Iluminismo continua a ser instrutiva no que diz respeito às ilusões que podem acometer (e não raro de fato acometem) a reflexão filosófica, sobretudo hoje, numa época em que o linguajar algorítmico próprio de algumas áreas da ciência mostra-se propenso a abocanhar

---

<sup>1</sup> Por exemplo: o substantivo *Wahr* (verdade) ou o verbo *sehen* (ver) em alemão, ou as palavras *hoje* e *herbívoro*, em português. A obra em que Christian Tobias Damm apresenta a proposta de remoção da letra h chama-se *Betrachtungen über die Religion* (1773).

porções cada vez maiores do nosso imaginário. Ao menos é isso o que reivindica o presente ensaio ao reconstruir as diatribes de Hamann contra a proposta de seu contemporâneo teólogo para, logo após, imprimir-lhes um novo fôlego ao trazê-las para o contexto de discussões contemporâneas sobre o alcance e o papel da razão.

### A apologia da letra h

A *Apologia da letra h* é um ensaio singular em muitos aspectos, a começar pela maneira como está organizado. Da primeira à última página, o corpo do texto está repartido em duas partes: nas primeiras seções, fala o mestre-escola Heinrich Schröder – aí, ele apresenta a proposta do teólogo racionalista Christian Tobias Damm a respeito da abolição da letra h e enumera as pretensas razões que a fundamentariam enquanto, ao mesmo tempo, vai tecendo comentários que conjugam sua opinião com uma série de ataques *ad hominem* contra a pessoa do teólogo. A escrita é obscura, satírica, repleta de alusões bíblicas e referências furtivas que por vezes parecem se embolar entre si. Na segunda e última parte do ensaio, intitulada “*Apologia da letra h, por ela mesma*”, a própria letra h é quem toma a palavra e faz a sua defesa através de um discurso fulminante, escrito em tom exaltado e profético.

Afora os pormenores, entretanto, o esqueleto da argumentação de Hamann, caso nos seja dado fitá-lo de forma sinóptica, desenha-se a partir de quatro pontos principais.<sup>2</sup> Primeiramente, há a variação de um argumento que funciona por *reductio ad absurdum*. Isto é, consoante o raciocínio de Hamann, se o mero fato da letra não ser pronunciada é razão suficiente para que seja abolida, então temos aí uma razão para abolir letras em uma centena de outros casos, a começar, conforme acrescenta ele, ironicamente, pelo inexplicável par de letras *m* que figuram repetidas ao final do sobrenome do próprio autor da proposta – Christian Tobias Damm.

A observação de Hamann não é somente uma ironia. O ponto a ser notado é que o emprego consequente do raciocínio – e aí está a redução ao absurdo –, além de levar a uma série de situações estapafúrdias do ponto de vista estilístico, contribuiria para provocar, ao fim e ao cabo, uma imensa confusão ortográfica: considere-se, a título de exemplo, que, na língua portuguesa, o verbo *haver*, tomado nas conjugações cuja grafia é *haja*, caso a proposta de abolição fosse seguida à risca, tornar-se-ia idêntico ao vocábulo *aja*, modo imperativo de um verbo completamente outro, o verbo *agir*. O mesmo vale para a conversão *houve* → *ouve*, onde a terceira pessoa do singular do modo indicativo do verbo *haver*, além de outras conjugações do mesmo verbo, tornar-se-iam indiscerníveis de determinadas conjugações do verbo

<sup>2</sup> Comungo, aqui, da análise do corpo do texto da *Apologia* levada a cabo por Matheww Cierzan (2010), com algumas pontuais divergências.

*ouvir*.<sup>3</sup> Ou seja, levada ao extremo, a ideia de abolir a letra h pelo simples fato da letra não ser pronunciada acaba por provocar o efeito contrário do que propunha: em vez de estabelecer precisão e clareza, só faz crescer a confusão e o equívoco.

O segundo ponto assinalado no ensaio – lembremos que ao todo os principais pontos são quatro – leva a forma de um argumento *ad hominem*. Nesse caso, um expediente retórico empregado pelo adversário é posto em destaque: conforme o trecho das *Observações Religiosas* citado textualmente no ensaio, acerca do h não pronunciado, Christian Tobias Damm escreve que se trata de “um costume infundado e que aos olhos dos estrangeiros parece bárbaro, sendo portanto ultrajante para nossa nação” (Apologia, p. 188). Ora, para Hamann, o trecho é revelador no respeitante à incoerência sutil que anima e atravessa a proposta do teólogo.

Para começo de conversa, não faltam razões para se indagar por que se precisaria alçar a opinião de estrangeiros à condição de um critério para legislar sobre a própria língua, ainda mais quando diferentes línguas estrangeiras não ficam para trás no que diz respeito à ocorrência de letras não pronunciadas, inclusive a letra h (“*hésiter*”, “*l’hiver*”, “*hour*”, “*honest*”, “*hermoso*”, etc.). Entretanto, segundo Hamann, não é preciso recorrer a nenhuma razão em particular para perceber que, conforme fica provado pela preocupação exibida diante da opinião alheia, a proposta de abolir a letra h em nome de alegadas exigências da Razão, assim grafada em maiúsculo, no fundo esconde uma intenção bem pouco racional, qual seja, a satisfação da vaidade de seu autor:

A concluir pelas observações feitas até aqui e com o auxílio da ação de obscuras elucubrações, não se pode senão supor que um tão extraordinário espírito de perseguição em vista de uma letra inocente haverá de ser obra da maior ignorância e da mais patética vaidade (Apologia, p. 190).

Por mais que este seja um argumento formulado de maneira inteiramente *ad hominem*, cumpre não perder de vista que uma tal via de argumentação no fim das contas obtém êxito em desmascarar uma espécie de contradição performativa nas ideias sustentadas pelo oponente<sup>4</sup>. Isto é, a argumentação de Hamann captura

---

3 O exemplo original de Hamann, por óbvio, é formulado em língua alemã: ele menciona o pronome pessoal “*ihn*” (acusativo da terceira pessoa do singular, masculino) que se tornaria idêntico à preposição “*in*” (em português, “em”). Outros exemplos da língua portuguesa são: o substantivo *haltere*, que se tornaria idêntico à terceira pessoa do presente, modo imperativo, do verbo alterar: *altere*; ou então o substantivo *hora*, cuja grafia se tornaria idêntica à interjeição ou advérbio *ora*, e por aí vai. A esse respeito, ver Silva & Pardini (2018).

4 A rigor, pode-se ver aqui a origem de um modo de argumentação que, mais tarde, será enormemente explorado por toda uma linhagem de pensadores que inclui Schopenhauer e Nietzsche, perpassa o ideário psicanalítico de Freud e alcança até alguns dos representantes da Escola de Frankfurt: comum a todos é alguma variante da ideia mais geral de que existem impulsos subterrâneos que infalivelmente subjazem à razão. Aliás, é justamente esta a conhecida tese levantada por Isaiah Berlin ao fazer remontar a Hamann as origens daquilo que (um tanto quanto descriteriosamente) ele denominou o “irracionalismo moderno”. Acerca da antecipação de ideias da escola de Frankfurt, ver Leiss, 1991.

em flagrante a *hipocrisia filosófica* daquele que sustenta a mais alta exigência de racionalidade sem considerar o fato de que só o faz por motivos cuja índole passa longe de conseguir atender as mesmíssimas exigências que tão rigorosamente cobra dos outros.

O terceiro ponto da diatribe de Hamann não se deixa desvincular de suas ideias mais gerais sobre a linguagem: para ele, estando cegado por suas convicções racionalistas, Christian Tobias Damm simplesmente falha em perceber que a letra h é um símbolo, e, enquanto tal, não é apenas o resíduo de hábitos ortográficos antiquados, mas preserva e expressa, apesar de tudo, algum significado.

Aqui, é útil alguma cautela para que a noção de “expressão” não seja mal-entendida nos termos da noção clássica de correspondência entre símbolo e objeto. O pressuposto da argumentação de Hamann é precisamente uma de suas ideias mais notáveis: a ideia de que a razão não existe por si só, separada de sua expressão na linguagem. Desta forma, nada mais ilusório do que pensar que ideias forçosamente se refiram a algo como ‘objetos do pensamento’ que existem de forma independente, para além da própria linguagem. Para Hamann, ao invés, o pensamento não é senão o emprego de certos símbolos cujo significado, por seu turno, não se pode dissociar das circunstâncias em que são expressos. Ou, dito num só fôlego: a linguagem, o pensamento e a razão têm os pés invariavelmente fincados na tradição e na história.

Conforme, no ensaio, vocifera a própria letra h: “Vossa inteira razão humana é outra coisa senão legado e tradição [...]? Vossa razão humana não é um órgão indeterminado, um nariz de cera, um cata-vento [...]? O espírito é o que vivifica; a letra é carne, e vossos dicionários são palha!” (Apologia, p. 196).

Nesse cenário, o principal equívoco de Christian Tobias Damm consiste em supor que se possa eliminar da linguagem o elemento histórico e contingente no intento de decantar daí uma pretensa linguagem puramente racional – coisa que, segundo o fio da argumentação de Hamann, não passa de uma quimera. Assim, sob os auspícios da crença ilusória de que a quintessência da razão encontra-se soterrada no fundo da linguagem, não espanta que o teólogo se veja compelido a descartar como sem significado tudo aquilo que, na linguagem, considera ser apenas acidente e vestígio. De acordo com Hamann, no entanto, “esse tipo de ignorância infla-se e enche a boca para dizer: ‘nossa razão é universal, saudável, e comprovada’, sem saber ‘que ela é uma coitada e miserável, e pobre e cega, e que está nua’” (idem, p. 190).

Além do mais, aos olhos do apologista, a pretensão de extrair da linguagem sua essência é sintomática do preconceito da época que favorece a *letra* em prejuízo do *espírito*. O quarto e último ponto a ser destacado dentre as variadas elucubrações da *Apologia* provém justamente daí: para Hamann, ao enaltecer sem reservas os poderes da razão humana, os ideais iluministas não fazem mais que erigir um novo ídolo.

Nessa perspectiva, a proposta de abolir uma letra cuja existência pretensamente não teria razão de ser não passa de um caso exemplar de tal idolatria que, no fim das contas, escora-se na crença de que o mundo é o mundo iluminado pela razão – e mais nada.

É contra uma tal idolatria que Hamann se mobiliza para redigir a *Apologia*. Nesse contexto, fica claro que, para ele, o h é uma letra cujo pretense despropósito simboliza justamente “aquilo que está além, aquilo que não pode ser alcançado apenas pela racionalidade” (Cierzan, 2019, p. 129). Ernst, em um pequeno trecho de suas notas de leitura da *Apologia*, captura com sutileza o significado simbólico que Hamann atribui à letra. Diz ele: “A letra h, em sua inaudibilidade, é compreendida como representante das coisas escondidas, silentes, como símbolo da porção espiritual das palavras” (Jünger, 1960, p. 104).

Afora isso, cumpre ainda reparar que, em alusão à doutrina cristã da formação do ser humano (Gen. 2: 7), a letra h é simbolicamente equiparada à própria vida: “*Vossa vida é o que eu sou – um sopro*” (Apologia, p. 194). A analogia, aqui, é enormemente sugestiva: em face da inteira criação, também a vida humana é coisa pouca, não mais que um fôlego soprado no pó do barro, um hálito, um pormenor, um sopro. Nesse sentido, pretender, como pretende o ideal iluminista, abolir do mundo o que não é conforme a razão, o que é tido por inútil, irracional, de pouca monta, consoante o fio do raciocínio, só pode significar uma coisa: abolir a própria vida.

Ao final do ensaio, a própria letra h, falando não apenas contra seu acusador, mas principalmente contra o ideal que a proposta de abolição incorpora, resume, por fim, o ponto mais geral da apologia, notadamente, a ideia de que o emprego indiscriminado da razão não passa de uma forma de idolatria:

Pequenos profetas de Böhmisch-Breda!<sup>5</sup> O objeto de vossas observações e de vossa devoção não é DEUS, mas sim uma mera imagem verbal que, assim como vossa razão humana universal, vós haveis deificado por meio de mais que uma licença poética em uma pessoa real, e assim vós fazeis tantos deuses e pessoas por meio da transubstanciação de vossas imagens verbais que no dia do juízo o mais grosseiro paganismo e o mais cego catolicismo, em comparação com vossa *idolatria filosófica*, serão justificados e quem sabe absolvidos (Apologia, p. 195, destaque inserido).

## A apologia da apologia

Não surpreende ninguém o fato de que existam erros cometidos por obra do engano ou da ignorância, isto é, erros que, de uma forma ou de outra, seguem-se à falta de razão. Menos frequente, entretanto, é a menção à existência de erros de natureza oposta, isto é, erros cometidos por algo como a demasia ou excesso

---

<sup>5</sup> De acordo com a nota da tradução inglesa da *Apologia*, trata-se de uma referência a *Le Prophète de Böhmisch-Breda* (1753), publicada por Friedrich Melchior Grimm.

de razão: nesse caso, erra-se não por um desvio ou lapso de racionalidade, mas, ao contrário, pelo gesto mesmo de submeter ao escrutínio da razão, inflexivelmente, todo e qualquer assunto, até mesmo aqueles que fogem à lógica das questões puramente intelectuais.

Justamente esse segundo tipo de erro é o alvo da diatribe de Hamann na *Apologia*. Nesse sentido, embora a proposta de Christian Tobias Damm seja aduzida como exemplo de um erro do gênero, cumpre não perder de vista que o alvo de Hamann é, antes de mais nada, a idolatria generalizada da razão celebrada subrepticamente nos ideais iluministas. Ou seja, em vez de ser um mero arroubo irracionalista contra os poderes da razão, conforme uma leitura pouco perspicaz poderia sugerir, a diatribe de Hamann representa uma das primeiras investidas realmente críticas contra o famigerado pendor de, em nome da razão, ultrapassar a razão para erigir e advogar uma determinada concepção de mundo, nesse caso, uma concepção metafísica e racionalizante do mundo.

E é precisamente nisso que a diatribe de Hamann conserva algo de instrutivo, uma vez que, mesmo séculos depois, ainda hoje não falta quem acredite encontrar nos feitos da razão humana, pensada agora como sinônimo de ciência, o maior motivo para afirmar a veracidade de uma concepção cientificista do mundo. Assim, no intuito de reviver a diatribe de Hamann, antes de mais nada cabe olhar, a exemplo do filósofo, para um caso específico que, todavia, será ilustrativo do ideário mais geral que anda em voga atualmente.

Dentre outras coisas, o livro-manifesto *O Novo Iluminismo* (2018), de Steven Pinker, sustenta que (i) atualmente a humanidade vai melhor do que nunca e que (ii) isso não é acaso, mas se deve à influência e propagação dos princípios iluministas. De cara, o subtítulo do livro, “*Em defesa da razão, ciência, humanismo e progresso*”, anuncia algo que salta aos olhos logo nas primeiras linhas, notadamente, que o autor arroga para si a posição de arauto da razão, da ciência, do humanismo e do progresso, ao passo que para todo aquele contra quem suas ideias se opõem (e, de igual modo, para todo aquele que se opõe a suas ideias) desde logo fica reservada a escolha entre ser apelidado de irracionalista, negador da ciência, pessimista, ou de retardatário inimigo do progresso. No miolo do livro, nada de novo: o autor não hesita em adotar a retórica maniqueísta da luta do bem contra o mal recapada pela velha metáfora da luz da razão que ilumina as trevas da ignorância<sup>6</sup>. Daí o sentido de seu apelo ao Iluminismo, cuja ideia geral Pinker esboça da seguinte forma:

---

<sup>6</sup> Considere-se, por exemplo, o seguinte trecho: “Contudo, minha principal reação à afirmação de que o Iluminismo é o ideal que norteia o Ocidente é: quem me dera! O Iluminismo foi rapidamente seguido por um contra-iluminismo, e o Ocidente está dividido desde então. Nem bem as pessoas saíram à luz e já vieram lhes dizer que a escuridão não era tão ruim, afinal de contas, que deviam parar de se atrever a compreender tanto, que os dogmas e as fórmulas mereciam outra chance, que o destino da natureza humana não era o progresso, e sim o declínio” (Pinker, 2018, p. 51).

O tema primordial é a razão. A razão é inegociável. [...] Se existiu algo que os pensadores do Iluminismo tiveram em comum foi a exigência de que se aplicasse vigorosamente o critério da razão para entender o mundo, em vez de recorrer a geradores de ilusão, como a fé, o dogma, a revelação, a autoridade, o carisma, o misticismo, o profetismo, as visões, as intuições ou a análise interpretativa de textos sagrados (Pinker, 2018, p. 22).

Nesse mesmo tom, Pinker gasta um punhado de páginas descrevendo pesquisas alheias e enfileirando intermináveis dados que pretensamente estabelecem a verdade do par de ideias mencionado anteriormente: “o mundo fez um progresso espetacular em todas as medidas de bem-estar humano” (2018, p. 77), e isso, claro, por causa dos ideais iluministas hoje representados quase que com exclusividade pela ciência e pelo humanismo (este último, para Pinker, nada mais que uma variação do utilitarismo<sup>7</sup>). Por sua vez, outro punhado de páginas é dedicado a explicar por que, apesar de tantas e tamanhas conquistas invariavelmente capitaneadas pela razão científica, tal como o autor a entende, ainda assim haja quem que se recuse a enxergar o óbvio. E então vem a explicação, que consiste, essencialmente, na atribuição de falácias estatísticas e vieses cognitivos a qualquer um que não concorde com uma concepção cientificista do mundo (além disso, como parte suplementar de sua “argumentação”, em várias ocasiões Pinker menciona intelectuais, artistas ou críticos sociais cujas ideias de alguma maneira funcionaram como entrave à iluminação racional do mundo; dentre seus exemplos estão Marx, Nietzsche, Adorno, W. Benjamin, Frantz Fanon, Foucault, Susan Sontag, e outros mais<sup>8</sup>).

Não é intento deste artigo entrar no demérito do conteúdo do livro de Pinker, de outro modo resumido com precisão pelo historiador David Bell<sup>9</sup>: “Trata-se de um livro dogmático que oferece uma visão super-simplificada e excessivamente otimista da história humana, além de um conselho fortemente tecnocrático para o futuro”. O que interessa aqui é que *O Novo Iluminismo*, no fim das contas, nada mais é do que a expressão contemporânea daquele mesmíssimo erro que impulsionava o velho iluminismo racionalista no seu desejo de abolição da letra h: um escancarado proselitismo no que se refere à crença incondicional nos poderes da razão a ponto de torná-la uma idolatria cega e disposta a sacrificar tudo o mais em seu nome. E é

---

7 “Outro motivo pelo qual o humanismo não precisa se envergonhar de sua sobreposição com o utilitarismo...” (Pinker, 2018, p. 550).

8 Certamente aí se acrescentaria sem dificuldade o nome de Hamann, caso Pinker alguma vez houvesse tido a oportunidade de lê-lo. No entanto, é difícil de acreditar que isso pudesse ocorrer, uma vez que Pinker sequer parecer ter lido os pensadores que critica, tendo o cuidado de lhes acessar o pensamento apenas por meio de fontes secundárias, conforme não deixam de reparar inclusive os mais entusiasmados resenhistas do livro, cf. Harpham, 2019. O exemplo emblemático é o tratamento da filosofia de Nietzsche, cuja caricatura, de forma constrangedora, é um dos alvos prediletos de Pinker.

9 Nesta mesma resenha, David Bell, historiador cuja pesquisa possui ênfase justamente no iluminismo francês, aponta ainda uma série de imprecisões historiográficas contidas n’*O novo iluminismo*. Cf. Bell, 2018.

precisamente por isso que boa parte da diatribe de Hamann acaba por ser instrutiva também no que concerne às ideias de Pinker. Senão, vejamos.

Um dos pontos destacados por Hamann dizia respeito ao fato de que Christian Tobias Damm era incapaz de perceber o valor da letra h enquanto símbolo justamente porque estava cegado pelo fanatismo idólatra que o fazia exigir de todas as coisas o enquadramento em uma ordenação perfeitamente lógica e racional. Considere-se, agora, a maneira como Pinker encara questões de natureza prática, como problemas sociais e políticos. De acordo com ele, “para tornar o discurso público mais racional, as questões devem ser despolitizadas tanto quanto possível” (Pinker, p. 505) – uma afirmação que consegue a proeza de identificar “política” com disputas partidárias e “racionalidade” com um utilitarismo tecnocrático, tudo num só fôlego. Assim como aconteceu com Christian Tobias Damm ao formular sua proposta de abolição da letra h, Pinker pensa que observar a fórmula cientificista, também nos âmbitos dos debates sociais e políticos, é o único caminho para que a sociedade se livre de opiniões irracionais e alcance o progresso. Daí ele perguntar coisas como: “O que aconteceria no longo prazo se um currículo universitário comum dedicasse menos atenção aos escritos de Karl Marx e Frantz Fanon e mais a análises quantitativas da violência política?” (idem, p. 535).

Para além da falsa dicotomia que sugere que as ideias dos autores citados de alguma forma são contrariadas pelas análises quantitativas, Pinker simplesmente desconsidera que, quando se trata de questões sociais e políticas, muitas vezes a defesa de uma certa ideia em prejuízo de outra não é um mero problema estatístico, mas sim o reflexo de uma escolha valorativa por uma concepção de mundo determinada: alguém que acredita que, numa sociedade, o mais importante é o desenvolvimento da personalidade individual e que o Estado deve intervir o mínimo na vida dos cidadãos claramente elege a liberdade individual como um valor supremo, ainda que às custas da garantia da plena igualdade entre todos; por outro lado, alguém que pensa que a melhor sociedade para se viver é aquela em que esteja garantida a igualdade não só de direitos, mas também de condições entre todos os seus cidadãos, claramente elege a igualdade como valor supremo, ainda que às custas da liberdade individual<sup>10</sup>.

Da mesma maneira, quando Pinker escreve em tom apologético sobre as virtudes e a racionalidade das economias capitalistas de mercado (idem, p. 127 - 128), ao contrário do que abertamente pretende, ele não está apresentando a melhor forma de organização política e social segundo todos os parâmetros racionais. Ao invés, ele não está senão apresentando o reflexo de uma escolha valorativa sua, que, sob os auspícios do mais inveterado cientificismo, não consegue deixar de mascarar com a pretensa chancela da razão.

---

<sup>10</sup>A esse respeito, ver o ensaio clássico de Norberto Bobbio (1990), sobretudo o capítulo 7, “Democracia e igualdade”.

Outro ponto que destacado por Hamann era precisamente a *hipocrisia filosófica* contida na proposta de Christian Tobias Damm. Nesse ponto, Pinker não fica para trás. Afinal, como os exemplos recém-mencionados fazem ver, não é a razão que é defendida em seu livro, mas sim uma concepção de mundo que, por si só, pouco tem de racional. Nesse sentido, que *O novo Iluminismo* seja um *best-seller* traduzido para várias línguas mundo afora é a maior prova de que, apesar de tudo, a concepção de mundo que Pinker defende e representa permanece em voga nos dias de hoje<sup>11</sup>.

Ainda assim, nunca é demais ressaltar que isso que Pinker chama de Iluminismo encontra eco apenas nas concepções mais distorcidas do projeto Iluminista, como é o caso de Christian Tobias Damm. A rigor, pensadores tidos por representantes clássicos do Século das Luzes, além de muito mais céticos quanto ao alcance da razão e ao progresso, na maior parte das vezes eram os primeiros a reconhecer e afirmar a variedade da experiência humana. Um exemplo emblemático é o amigo, discípulo, e oponente intelectual de Hamann, Immanuel Kant, cujo projeto filosófico se caracterizou, justamente, por circunscrever e delimitar as fronteiras da razão, ou, em suas célebres palavras: “Tive, pois, de suprimir o saber para encontrar o lugar para a crença” (KrV B XXX) – uma amostra clara de que mesmo pensadores de todo afeitos aos princípios iluministas reconheciam que o mundo é um lugar vasto, e a razão nem de longe é capaz de esgotá-lo sozinha.

De resto, não será demais lembrar daquelas palavras que constam entre as mais célebres proferidas em face do avanço inveterado de espírito racionalizante, palavras essas que, a bem da verdade, poderiam muito bem ser as Hamann:

Nos Estados Unidos, território em que se acha mais à solta porquanto despida de seu sentido metafísico, a ambição de lucro tende a associar-se a paixões puramente agonísticas que não raro lhe imprimem até mesmo um caráter esportivo. Ninguém sabe ainda quem no futuro vai viver sob essa crosta e se ao cabo desse desenvolvimento monstruoso hão de surgir profetas inteiramente novos, ou um vigoroso renascer de velhas ideias e antigos ideais, ou – se nem uma coisa nem outra – o que vai restar não será mais que uma petrificação mecanizada, arrematada com uma espécie convulsiva de autossuficiência. Então, para os “últimos homens” desse desenvolvimento cultural, bem poderiam tornar-se verdadeiras as palavras: “Especialistas sem espírito, gozadores sem coração: essa Nulidade imagina ter chegado a um grau de humanidade nunca antes alcançado” (Weber, 2004, p. 166, com pequenas modificações na tradução).

---

11 Nesse mesmo sentido, por vezes parece acontecer que não importa tanto a qualidade ou confiabilidade do torvelinho de dados que sustentam reivindicações como as de Pinker, mas sim – e sobretudo – o fato bruto de que são defendidas com a ajuda de dados e estatísticas e gráficos. Tanto é assim que vasta parte dos comentários e resenhas elogiosas do livro destaca justamente esse último aspecto, sem se perguntar, por exemplo, como diabos foram mensurados dados de épocas remotas e até que ponto faz sentido se fiar inteiramente em tais estatísticas (como, por exemplo, a escala que alegadamente mede a inteligência dos seres humanos ou então índices de desenvolvimento que repartem, no mundo das ideias, a riqueza dos super-ricos com os mais pobres a fim de fazer com que países com altos índices de desigualdade pareçam andar muito bem). Para objeções aos números mencionados por Pinker, ver Lent, 2018.

Encarada sob a perspectiva que o excerto sugere, não surpreende a reivindicação ideológica de Pinker, na qualidade de expoente máximo do ideário em voga, de que alcançamos, hoje, um grau nunca antes visto de humanidade e progresso.

### Considerações finais

Por certo ainda hoje existem forças que, por motivos variados, negam os evidentes avanços da ciência e a importância capital da razão. Por outro lado, há todavia aqueles que, extrapolando o alcance da razão, facilmente passam para o lado da idolatria. Diante do avanço da idolatria, tal como se exemplifica nesse segundo caso, a *Apologia da letra h* é um ensaio que merece, ele próprio, uma renovada apologia, pois aí Hamann leva a cabo, conforme a oportuna expressão de Hernandez Árias (2018), “um esclarecimento do esclarecimento” - uma diatribe necessária a fim de que a razão continue a ser uma das faculdades mais fecundas da espécie humana e não meramente o mais novo dos ídolos.

### Referências

- Arias, J. R. (2018). Traducción y Prólogo. In: Hamann, J. G. *Recuerdos socráticos y Aesthetica in nuce*. Madrid: Hermida Editores.
- Bell, D. A. (2018). The PowerPoint Philosopher. *The Nation*. Recuperado de: <https://www.thenation.com/article/archive/waiting-for-steven-pinkers-enlightenment/> Acesso em Outubro de 2023.
- Berlin, I. (1993). *The Magus of the North: J.G. Hamann and the origins of modern irrationalism*. New York: Farrar, Strauss and Giroux.
- Bobbio, N. (1990). *Liberalismo e Democracia*. São Paulo: Ed. Brasiliense.
- Cierzan, M. (2019). *The Idolatry of Philosophy Johann Georg Hamann's Critique of his Contemporaries as Driven by his Notion of Philosophical Superstition and Idolatry*. (Inaugural-Dissertation zur Erlangung der Doktorwürde). Bonn: Rheinischen Friedrich Wilhelms Universität Bonn.
- Damm, C. T. (1773). *Betrachtungen über die Religion*. Berlin
- Hamann, J. G. (1967). Neue Apologie des Buchstaben h oder: ausserordentliche Betrachtungen über die Orthographie der Deutschen. *Schriften zur Sprache*. Einleitung und Anmerkungen von Josef Simon. pp. 179- 198.
- Hamann, J. G. (1967). *Schriften zur Sprache*. Einleitung und Anmerkungen von Josef Simon. Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag.
- Hamann, J. G. (2007). *Writings on philosophy and language*. Cambridge University Press.
- Leiss, E. (1991). „Die Vernunft ist ein Wetterhahn“: Johann Georg Hamanns Sprachtheorie und die Dialektik der Aufklärung. *Zeitschrift für germanistische Linguistik*. DOI: <https://doi.org/10.1515/zfgl.1991.19.3.259>

- Lent, J. (2018). Steven Pinker's ideas are fatally flawed. These eight graphs show why. *Open Democracy*. URL: <https://www.opendemocracy.net/en/transformation/steven-pinker-s-ideas-are-fatally-flawed-these-eight-graphs-show-why/> Acesso em Outubro de 2023.
- Pinker, S. (2018). *O novo iluminismo: em defesa da razão, da ciência, do humanismo e do progresso*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Silva, C. V.; Pardini, G. M. (2018). Questões relativas à presença do h mudo no começo de palavras na língua portuguesa. *Revista Multidebates*, 2, p. 479-490.
- Weber, M. (2004). *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras.

Recebido em: 29.10.2023

Aceito em: 19.02.2024

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.  
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

